



SIGNIFICAR CULTURA: NOÇÕES E CAMINHOS

Leandro Santana da Silva¹

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de discutir possíveis caminhos e significados de cultura e suas relações com a formação social humana, na preservação da memória, afirmação e construção de identidades e territórios a partir da heterogeneidade cultural. A exemplo, abordaremos o festival Blitz Cultural do Grupo Teatral Boca de Cena (2014, 2015, 2019, 2020: com uma versão Live devido a pandemia da Covid-19) como propositor da interculturalidade, resistências e dinamismo cultural na contemporaneidade, sobretudo no bairro Bugio, Aracaju-Sergipe e em diálogo com outros espaços, principalmente no campo das culturas populares.

Palavras chave: Cultura; Culturas Populares; Identidade; Território.

ABSTRACT

This work has the purpose to discuss possible manners and meanings from culture and its relationship to social human formation, by preserving memory, establishments and constructions of identities and territories from cultural heterogeneities to the detriment of facing decoloniality. As an example, we have the Blitz Cultural festival of Grupo Teatral Boca de Cena (2014, 2015, 2019, 2020: with a Live version due to Covid-19 pandemic) as a reason of interculturality, resistance and cultural dynamism in contemporary times, particularly near to neighborhood Bugio, Aracaju-Sergipe and in a dialogue with other spaces, especially in the popular culture scene.

Key words: Culture; Popular Cultures; Identity; Territory.

1. Mestrando do PPGCULT/UFS. Professor. Fundador e membro do Grupo de Teatro Boca de Cena (2005). E-mail: leandrohandel@outlook.com

Recebido em 11/07/21. Aprovado em 27/07/21



INTRODUÇÃO

Refletir cultura e sua diversidade de conceitos, significados, símbolos e possibilidades, não é uma tarefa fácil. Primeiramente porque ela pode ser mutável, atemporal, múltipla e ao mesmo tempo individual, varia no tempo e espaço, permeia olhares, dizeres, o culto e o dito popular, enfim, uma vasta discussão e necessária, pois a cultura faz parte do “ser” humano.

Os homens como seres naturais, são dotados de pensamento e linguagem. A formação de cada sociedade é regada de normas para “educar” o homem. Logo, a cultura é uma “natureza adquirida” (CHAUÍ, 2013, p. 219) que adiciona à natureza humana informações que não são inerentes a ela e por assim dizer, aperfeiçoa a racionalidade e modos de produzir cultura e sociedade.

Sabemos que a palavra “cultura” pode se tratar também de uma atividade econômica que surgiu ainda na Pré-história e que damos o nome de agricultura. É a prática onde o solo é preparado para o cultivo, acrescido de todo material para o seu desenvolvimento, assim como a criação e procriação de animais. (WILLIAMS, 2003, p. 87,88). Metaforicamente, com o homem não é diferente. Através da comunicação, que é necessidade humana, características são produzidas e aprimoradas. O homem, como os demais seres, também passa por um processo de cultivo, mas esse dotado de um complexo sistema, pois há crenças, comportamentos distintos que, como já dito, conforme o espaço/tempo, muda, se renova, e constitui mais tarde o que foi chamado de civilização, pois o “cultivo” humano irá se manifestar, sobretudo, na sua organização política e social. Portanto, podemos dizer que os valores, comportamentos, sistemas, instituições são invenções humanas e, graças à linguagem, atribui significados, consciência, organização espacial e a relação com outros cultivos o que assegura a sua existência (CHAUÍ, 2013, p. 217, 219).

Como exemplo, temos um grande cultivo que começou no dia 17 de setembro de 2005 no bairro Jardim Centenário, popularmente conhecido como Bugio, na grande Aracaju. O Grupo de Teatro Boca de Cena (BDC) surge com o intuito não apenas do viés artístico, mas também do social. Por isso, no decorrer dos anos, o grupo lançou diversos projetos na comunidade do bairro. Dentre eles, a “Blitz Cultural do Boca de Cena” (2014, 2015, 2019, 2020) que abordaremos mais a diante.

De antemão, as questões apresentadas ao longo deste texto, também dizem respeito ao olhar do



pesquisador que atua como membro do grupo de Teatro Boca de Cena, tendo participado das edições da Blitz Cultural, assim como, as montagens cênicas ao longo de 15 anos de existência do grupo e toda a vivência na comunidade do bairro Bugio. Logo, as informações contidas aqui fazem parte da observação participante somada as leituras e debates da disciplina Cultura Popular: Tradição e Contemporaneidade (2021) do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Bom, com esse projeto o grupo também expande seu olhar sociocultural e indaga como a Blitz dialoga com o território Bugio. Uma vez que o bairro já dotado de especificidades, histórias, lugares, embebidos de pertencimento desde a sua formação na década de 1980, já carrega consigo diversas identidades. Com a Blitz Cultural ocorre uma produção de novos signos de identidade, onde o público é levado para um “entrelugar” (BHABHA, 2013), um lugar de produção de saberes e de reflexão do espaço vivido, compreender estruturas econômicas, sociais e políticas e dessa forma, entender os processos de transformação no bairro, assim como, o seu papel nessa mudança.

Sendo a cultura parte do “ser humano”, como ela é adquirida? Por vezes vemos em nosso cotidiano, o fato de alguém “ter cultura” como algo positivo, há um status de “ser culto”, superior, e já percebemos aqui uma diferença social, uma vez que foram apresentados um lado (o positivo, o superior), e seguindo outro fluxo temos os “incultos”, os “não privilegiados” de possuir cultura. Quem determina? Por exemplo, em nosso país, ao falar que o inculto é o analfabeto, promove a cultura para as classes privilegiadas da sociedade, enquanto isso os incultos ficam no campo “popular, do povo”. Como se nessa camada não existisse história, conceitos, símbolos, enfim, a infinitude de pensar e fazer cultura. Daí a nossa primeira conclusão sobre o conceito de cultura. Ela é contraditória. (CHAUI, 2013).

O festival do Boca de Cena é uma heterogeneidade cultural do mundo moderno presente no cotidiano, como aponta Canclini (2019), agora há uma concentração, uma nova combinação de culturas coexistentes no mesmo espaço, no caso o bairro Bugio, o que rompe a barreira entre culto e popular. A exemplo disso, tem-se o diálogo entre a cultura local do bairro e as diversas linguagens artísticas, literárias e acadêmicas da Blitz Cultural que formam uma interculturalidade.

Pensando o tempo presente desta escrita, no ano de 2020 o mundo foi surpreendido pela pandemia do vírus Covid-19 que perdura até os dias atuais. Em fevereiro daquele ano, foi realizado



na sede do BDC no bairro Bugio, uma edição da Blitz com espetáculos, oficinas, exposições e intervenções artísticas e, também, um simpósio em parceria com o PPGCULT com debates sobre as artes e a cultura no cenário sergipano e brasileiro. Mal sabíamos o que estava por vir. No início de março, o novo coronavírus foi definido como pandemia mundial.

Em seu fazer poético artístico e social, o BDC sempre foi um grupo de reinvenção, resistência, inquietude e pesquisa. Por isso, em maio daquele mesmo ano, depois de dois meses sem nenhum contato profissional, o grupo decide realizar uma Blitz Cultural – Live. Um elemento a mais foi introduzido no modo de produção da interculturalidade do projeto: a tecnologia.

Antes utilizada como ferramenta, as redes sociais agora eram o único meio de conexão entre o BDC e o bairro Bugio. Logicamente pensamos que poderíamos restringir uma parcela da população que não possui essas ferramentas de comunicação, mas por outro lado, todos os aspectos ligados à cultura daquele bairro com o cultivo identitário e territorial resistiam e precisavam ser contados, lembrados e, também por assim dizer, ganhar cada vez mais visibilidade e protagonismo. Dessa forma, o Boca de Cena ofereceu em seu Instagram oficinas de interpretação e expressão corporal, vivência circense, técnica vocal, o ator e a máscara e shows ao vivo.

Não cabe aqui nesse momento analisar se o conteúdo apresentado on-line era oficina mesmo ou show pelo fato de não ser presencial, mas sim de reafirmar, em tempos sombrios, que a arte e a cultura são acalantos e respiros para o homem. Além de entretenimento e reflexão, a edição Live serviu para nos apontar um outro olhar sobre possíveis significados da cultura, mesmo que agora ele venha enquadrado através de uma vídeo chamada.

Perante o exposto, apresentamos noções e caminhos para significar cultura. Não como verdade absoluta, mas como forma de refletir e identificar onde e como ela se faz presente diariamente, sobretudo na oralidade, e dessa forma, sendo fundamental no processo de desenvolvimento humano nas diversas esferas da sociedade, sobretudo, na Blitz Cultural do Grupo Boca de Cena e seus desdobramentos na formação de identidades e territórios na comunidade do bairro Bugio – Aracaju/Sergipe.



SIGNIFICAR CULTURA: NOÇÕES E CAMINHOS – A BLITZ CULTURAL DO BOCA DE CENA

O professor Pedro Rodolpho Jungers Abib apresenta já no seu início do artigo *Culturas populares, educação e descolonização*, o tempo presente como análise das culturas populares. A escolha do diálogo com a cultura contemporânea se justifica, de acordo com o autor, com o papel da cultura enquanto resistência de povos que lutam para manter a sua história viva. Para isso, em uma perspectiva decolonial, pretende-se trazer as culturas populares à luz de descolonização e como educação libertadora (ABIB, 2019, p.02,03).

Pensar decolonialmente é proporcionar não o resgate, mas ter a cultura de povos e comunidades no seu importante lugar na história. Uma vez que tudo materialmente lhe foi negado, retirado, extinto, restando-lhe apenas o seu saber, por vezes silenciado, mas nunca esquecido. É sempre louvável e de extrema importância desconstruir o pensamento colonial, retrógrado, ibérico, afim de desmistificar escolas conservadoras que primitiva tudo que não se encaixa nos padrões coloniais.

Trata-se de protagonizar o indivíduo, humanizando-o. O festival proposto pelo BDC potencializa um bairro periférico. Leva-o a outra camada, onde as agruras sociais apenas são discutidas e refletidas, mas não vividas. E o olhar do espectador, agora reflete o seu mundo, sua identidade, seu chão, seja nas apresentações musicais, no teatro ou nas oficinas oferecidas nas escolas públicas da comunidade durante o evento, seja ele presencial ou virtual. A história é viva, pulsante, resiste toda vez que ela é contada, vivida.

Com isso, Abib fundamenta sua fala no lugar das culturas populares no debate das classes sociais e suas relações de poder, para isso cita Bhabha e o “lugar de subalternidade e dominação” e Hall (ABIB, 2019, p. 04) para falar daqueles que resistem, apesar da história ser implacável no seu existir, e assim lutam pelos seus direitos tendo a cultura popular como ato político de poder e luta. A preservação da memória e a afirmação de identidades do bairro Bugio, constituem o seu lugar de pertencimento e protagonista da própria história.



Dito isso, há uma consciência cada vez mais por parte da comunidade daquele bairro. Tornam-se mais politizados, conhecedores das causas, atuantes no setor da política, com o intuito de pressionare legitimar o seu lugar de fala na história, e hoje, assistimos o desmonte da cultura e sua retaliação “perversa”, como diz Milton Santos¹ (2012). O autor potencializa o debate na cultural decolonial coma intenção de “reivindicar suas identidades e direitos sociais a partir da afirmação de suas práticas tradicionais, regidas pela ancestralidade que faz vigorar o passado e a memória desses povos” (ABIB, 2019, p. 06).

No mundo contemporâneo, cultura é um instrumento dinâmico que discute e reflete as várias relações no meio social. Dessa forma, o sociólogo Muniz Sodré (2005) apresenta cultura numa relação da produção social e organização simbólica dentro e fora de um campo. (SODRÉ, 2005, p. 12). Para Sodré, esse é campo é um termo para delimitar uma cultura. Seria o espaço determinado para indicar as ações que ocorrem dentro da simbologia cultural. Por exemplo, ao escolher o bairro Bugio como palco para realização do seu projeto, o BDC pretende incentivar a compreensão da produção de territórios dentro daquele espaço. Durante os dias de realização do festival, o público² é levado a se reconhecer na dinâmica do seu bairro e assim entender o seu papel também como mantenedor e fazedor de história, como ato de resistência, como já pontou Abib, e também na construção de identidades. Salienta-se aqui a formação de um território virtual como chama, mantendo viva a memória, servindo também como campo delimitado de cultura como ocorrera na Blitz versão Live (2020) devido a pandemia da Covid-19.

Utilizando-se da metáfora já citada do “cultivo humano”, onde o ser humano, assim como o solo, recebe todo o material necessário para o seu desenvolvimento. Mas nesse caso, há uma organização social e política que é chamada de civilização. Uma “estratégia de distinção social”

¹ Ver Santos (2012) – Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.

² Ao pensarmos na palavra “público”, já colocamos num papel de mero observador, passivo. Conceito contemporâneo colonial. A cultura popular enfrenta essa subalternidade como resistência e/ou afirmação do seu lugar por direito. Logo, o público é convidado não somente a interagir, mas ser o protagonista da própria história. Uma vez que está presente na cena, nas músicas e oficinas da Blitz Cultural, ou seja, diz respeito muito mais a eles do que ao Boca de Cena. O grupo é um intermediador do despertador para novas identidades. O lugar não é mais o mesmo. Há um sentimento mais forte de pertencimento àquele lugar. De fortalecimento da individualidade e coletividade. Da potência de mundo, das possibilidades de se reinventar. E com certeza, com o conhecimento desse protagonismo, o público é o grande fazedor do festival de cultura e arte do bairro Bugio (Nota do autor).



(SODRÉ, 2005, p.16), uma vez que há uma complexidade no progresso urbano somado a um projeto de educação emancipador que rompe as barreiras da colonialidade e reescreve a memória dos seus antepassados, preserva a riqueza da oralidade, resiste ao domínio do colonizador tendo como principal arma os seus saberes e transforma a base da sociedade: a educação (ABIB, 2019, p. 11).

Como já foi dito, a história é a resistência da memória. É a manutenção das identidades e o grito dos desvalidos. A cada edição da Blitz do Boca de Cena há novos campos para cultivar e novos semeadores para semear. Uma imensa gama de artistas e fazedores de cultura de Sergipe e outras partes do Brasil, se uniram ao BDC para levar cultura para as ruas, praças, escolas, redes sociais. Uma invasão de culturas em um espaço onde elas sempre se fizeram presentes, mas talvez, estavam adormecidas, por uma não identificação ou valorização. Como afirmação, a Blitz faz parte do campo das culturas populares pois, em contexto contemporâneo, enfrenta simbolicamente a colonialidade através das diversas manifestações artísticas e debates que protagoniza a ancestralidade do bairro Bugio.

Não poderia deixar de fora dessa discussão o antropólogo contemporâneo Nestor García Canclini. Já citado aqui para falar sobre heterogeneidade cultural, Canclini entende cultura num processo de hibridação onde estruturas socioculturais que antes existiam separadamente, agora confluem-se em novas estruturas, multiplicando-se em hibridações individual e coletiva num contexto da modernidade (CANCLINI, 2019).

E em diálogo com Abib (2019) e Sodré (2005), Canclini apresenta a identidade não como “pura” e delimitada, pois estará obstruindo as diversas formas de ser e fazer cultura. Essa definição fixa compromete a possibilidade de enaltecer os múltiplos olhares que se formam sobre o que está sendo pesquisado. Pormenoriza, por exemplo, o que não se encaixa em conceitos acadêmicos e, por vezes, exclui a oralidade e tudo aquilo que genuinamente respalda a cultura popular.

Inclusive indo além da descrição da “mistura de culturas”, mas na compreensão de todo o processo e interpretação das relações contidas na heterogeneidade, levando em consideração as interferências, como a globalização, por exemplo, que ocorrem dentro de um campo delimitado onde temos a simbologia cultural (CANCLINI, 2019, p. 23) (SODRÉ, 2019, p. 12).

Tendo em vista as ações da Blitz Cultural, surge um lugar possível de cruzamentos entre o fazer artístico ligado às artes cênicas e a manifestação da cultura popular em sua amplitude de significados. Escapam às teorizações que subordinam seu lugar diante da cultura erudita e da cultura



de massa, dessa forma afirma Canclini que “(...) todas as culturas são de fronteira. Todas as artes se desenvolvem em relação com outras artes; (...) assim as culturas perdem a relação exclusiva com seu território, mas ganham em comunicação e conhecimento” (CANCLINI, 2019, p. 348). Concepção essa que permeia a própria função social empreendida pelo Boca de Cena através da Blitz Cultural. Não é restrito há um campo, pois os processos de hibridação propõem um olhar que vai além das delimitações físicas e das variedades de linguagens artísticas dentro do festival de cultura do Boca de Cena. É o rompimento do estigma do ser periferia como “não culto”, como dito por Chauí (2013), para o lugar não mais da multiculturalidade, mas da interculturalidade, onde agora tudo é atravessado, imbricado de simbolismos, inclusive no reconhecimento das diferenças identitárias e territoriais, conforme a experiência de cada participante da Blitz.

Quando refletimos que com esse projeto o grupo se consolidou como um agente transformador e promotor de ações culturais no Estado de Sergipe, e com isso dissemina o universo de cultura popular, provoca reflexões e ações frente à realidade social brasileira, na dimensão específica das questões de cidadania e direitos humanos através da escolha de seus temas, há uma quebra na “relação exclusiva com o seu território” e produção de novas produções simbólicas, o que Canclini chama de reterritorialização (CANCLINI, 2019, p. 309).

Em entrevista ao programa “Observatório da Imprensa”, gravado em 15 de abril de 2015, Canclini fala da necessidade da sociedade de criar um contrapoder de interesse público, uma vez que a sociedade está se esfacelando e o poder privado toma para si o que pertence ao público. A proposta do Grupo Boca de Cena é, através da Blitz Cultural, ser esse contrapoder, proporcionar que a comunidade se reconheça e se renove através das práticas artísticas culturais e na reflexão da cultura enquanto sentido de significações do meio social e apresentando-se como “um modo derelacionamento humano com o seu real” (SODRÉ, 2005, pág. 37), sendo esse real “comoestritamente singular e único” (SODRÉ, 2005, pág. 38).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Significar cultura é muito mais que conceituar. Os caminhos são vários e a construção da memória é coletiva. A história é contada e recontada em cada vivência cultural. Ela nunca será única.



Está imbuída de valores, dores e amores. Edifica-se e se consolida no cerne do “ser” humano. É ferramenta de luta e resistência. Impõe respeito, forma e afirma identidades, constrói territórios. Depois desterritorializa para poder reterritorializar. Produz civilização. Mas também, nos segrega socialmente, exclui. Em mãos erradas, é apropriada e utilizada indevidamente. Para alienar, ditar regras. Por vezes é negada justamente por aquele que a constrói. Por outras é esquecida, extinta. Como popular, estabelece relações de poder de grupos da sociedade que lutam por reconhecimento, por existência. Por isso, resistem. Em tempos pandêmicos, é o acalanto, o portal com o mundo exterior, a possibilidade de fechar os olhos e por alguns minutos, esquecer o vírus mortal e a política feroz que consome o homem e sua natureza.

E é justamente no popular, nas histórias e memórias, na resistência e reterritorialização que os caminhos se cruzam com a Blitz Cultural do Grupo Boca de Cena, cujo objetivo é aprimorar a natureza humana o ser/fazer cultura, é o cultivo e alicerce da identidade e fomento da coletividade. É a voz do bairro Bugio, o autoconhecimento. É a reinvenção cotidiana da sua cultura. Enfrentar a colonialidade em defesa e protagonismo da sua ancestralidade, onde a oralidade é a chave do caminho da cultura popular.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jugers. Culturas populares, educação e descolonização. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 57, n. 54, p. 1-20, out/dez. 2019.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Conçalves. – 2.ed. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**; tradução Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução Gênese Andrade. – 4. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CHAUÍ, Marilena. **Iniciação à filosofia**. 2ª ed. – São Paulo: Ática, 2013.

DINES, Alberto. **Entrevista com Néstor García Canclini- Observatório da Imprensa**. [S. l.: s.n.], 2015. vídeo (50:42). Tv Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PLDpo4K1FFM&list=WL&index=2&t=728s>. Acesso em 23 de jun. 2021 as 20h30min.



SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida**. 3ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

WILLIAMS, Raymond. **Palabras clave. Un vocabulario de la cultura y la sociedad** ; Traducción de Horacio Pons – 1ª ed. 1ª reimp. – Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.